

Ética e Orientação Lacaniana¹

*José Martinho*²

«O modelo geral da vida quotidiana no século XXI é a adição.
Cada um goza sozinho com a sua droga,
e toda a atividade se pode tornar uma droga:
o desporto, o sexo, o trabalho, o *smartphone*, o *facebook*.»
Jacques-Alain Miller, ao Le Point (18/8/2011)

Ética, real ordenado e desordenado

A «ética», grega por etimologia³, não é independente de um *pathos*, nomeadamente de um fascínio pela ordem firme do firmamento, pela proporção e harmonia que governaria desde sempre as (dez) esferas celestes.

A ideia que uma tamanha beleza cósmica só podia ser obra dos deuses fez com que a religião e o mito tenham tentado dar milenariamente conta do deslumbramento terreno dos mortais pelos imortais que habitariam os céus.⁴

¹ Palestra proferida nas últimas aulas do Seminário ACF – CEP de 2011-2012. Ela conjuga a reflexão sobre a Ética da Psicanálise esboçada durante o ano letivo com a apresentação, por Jacques-Alain Miller, do tema – «A grande desordem do real do século XXI» ou mais simplesmente «A Desordem do Real» (<http://www.lacanquotidien.fr/blog/2012/05/hay-gran-desorden-en-lo-real-en-el-siglo-xxi>; tradução portuguesa: <http://cepp-teresina.blogspot.pt/2012/06/conferencia-de-jacques-alain-miller-27.html>) - para o próximo Congresso da Associação Mundial de Psicanálise.

² AMP, NLS, ACF, CEP, ULHT.

³ Na *Ética a Nicómaco*, I, 1, Aristóteles escreve: «a virtude é filha dos bons costumes (ἠθoς). Operando uma ligeira transformação na palavra costume obtém-se a palavra ética, ἠθοζ». O filósofo joga aqui com a diferença gráfica (perceptível no “e” breve e longo) entre a palavra Êthos, com Épsilon (E), e a palavra Éthos (maneira de ser), com Etá (η). Esta diferença indica o duplo sentido da Ética: os bons hábitos (que darão lugar à moral no sentido do *mores* latino) e a fonte destes ou sua ordem. Temos assim: ἠθοζ ≡ Ética: o princípio natural ou divino da Lei; e Εθοζ ≡ Moral: esse mesmo princípio aplicado à prática, ou seja, como conduta social virtuosa.

Apesar de estarem destinados ao equilíbrio existente no mundo supralunar⁵, os humanos não deviam cruzar os braços, mas mimar a perfeição suprema, instituindo não só a justiça na terra, como procurando o seu devido lugar no espaço público.

É deste modo que a ética se pôde associar à política, a qual passa a tentar dominar – infrutiferamente, para seres profundamente religiosos - mito e religião a partir do século V a.C.

A separação grega dos dois mundos vai desaparecer com o cristianismo, o Criador de tudo unindo ambos num único. A Física (antiga Natureza) passa a ser vista como o resultado da Vontade de Deus. São Tomás de Aquino adverte desde logo: *noli tangere*, não se deve tocar na *natura*. A Religião triunfa, mas é a Igreja - Católica Apostólica e Romana - que irá dominar a política feudal, ao mesmo tempo que o Papa conquista uma hegemonia sobre as monarquias de direito divino.

O crescimento do capitalismo no Renascimento produz uma inversão dos valores: a política (Maquiavel) volta a impor-se à religião, e a magia (Paracelso) vem substituir tanto a teologia, como a antiga *epistémé*. As artes mágicas, vistas como bruxaria, mostram um novo desejo de tocar o real: elas procuram fazer falar a Natureza (Grande Pã) para que revele os seus segredos mais recônditos. Esta e outras heresias vão preparando o discurso científico. Lembro que Newton foi ainda, e a maior parte do seu tempo, um alquimista.

No século XVII, a letra ou a escrita da nova filosofia e sobretudo da ciência moderna vai reduzindo ao silêncio a retórica mágica da natureza.

A ordem do universo começa a desligar-se do Deus da religião, do Deus de Abrão, Isac e Jacob (Pascal), para se associar ao Deus dos filósofos, o sujeito suposto saber de

⁴ Lacan explica que aquilo que chamamos «cosmo» depende totalmente da «cena» da representação, o que não impede que algo escape à ordem simbólica e à consistência imaginária do mundo, caso do real que angustia (c. LACAN.J. (2004). *Le Séminaire livre X, L'angoisse*. Paris: Seuil.p.39 3 sg.).

⁵ Região que segundo os antigos Gregos abarcava a lua e o que estava para além dela, os cinco planetas e «corpos errantes», Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno, o sol e as estrelas.

Descartes. É este sujeito suposto saber do real que Galileu afirma ter escrito a natureza numa linguagem matemática.

Uma tal natureza governada por leis matemáticas é agora o nome do real bem ordenado. Este parece ser aquilo que «regressa sempre ao mesmo lugar» (Lacan), como os planetas nas suas revoluções ou seguindo as suas órbitas celestes.

A ciência moderna vai também fornecer um novo ideal à ética. Espinosa dá o exemplo quando escreve a sua *Ética* como uma demonstração geométrica. Mas todas as éticas (utilitarismo, etc.) que se seguirão ficarão dependentes do ideal da verdade científica, uma verdade objetiva, sem necessidade de discussão ou de obtenção de consenso para ser obtida; verdade universal, como a revelada pelo Deus cristão, mas, desta vez, absolutamente certa e comprovável.

Apesar de alguns breves eclipses, o ideal científico que se forma no século XVII vai durar até ao final do século XX.

Este ideal infiltra toda a sociedade atingindo a família. Vista tradicionalmente como a célula natural da geração, a instituição familiar forneceu durante séculos um modelo à pátria. Normalmente era o pai de família, ou melhor o que o seu nome representava que aí detinha a Lei. O Nome-do-Pai e as suas metáforas (Pai do céu, pai do povo, etc.) orientavam, pois, a existência.

Com a ciência moderna, a orientação passa a ser dada pelo campo magnético terrestre. Mas é o «contrato social» de Rousseau (1762) que constitui o ponto de partida da orientação política que irá declinar no século XX, menos com o rebaixamento do pai a sintoma da civilização, do que com a transformação operada pelas novas tecnologias.

Aqueles que outrora falavam de «leis da natureza» procuravam afirmar o determinismo e negar o acaso. Mas a física quântica de Max Planck começa a trazer para a ciência uma noção do real bem diferente das deterministas. O descontínuo, o acidental e o

aleatório do real é também o que formula o «princípio da Incerteza» (Heisenberg), que explica que nenhuma partícula pode ter uma posição e uma velocidade definida, que quanto mais se sabe a sua posição, menos se conhece a sua velocidade e vice-versa.

Porém, não é de matéria e energia, de partícula e de onda que fala Lacan no final do seu ensino, mas de um Outro tipo de real, um «real sem lei», nem fundamento.

É a ausência de fundamento que constitui o real na psicanálise «lacaniana». Este não é a «realidade psíquica», nem a «realidade material», mas o real sexual. Como está bem patente na «crise da puberdade», a sexualidade é *troumatique*, faz furo (*trou*) no real». ⁶

O choque da palavra e do pensamento com o corpo sexuado não obedece a nenhuma lei escrita ou que possa vir a escrever-se. Diante deste buraco, apenas pode haver uma experiência de voragem.

A orientação lacaniana

«Orientação lacaniana» é o termo que J-A Miller escolheu para nomear a proliferação do dizer nos seus cursos e percursos.

Esta orientação não é a do pai que Lacan podia simbolizar para J-A Miller e os lacanianos. Lacan dizia aliás: «façam como eu, não me imitem».

Se não há idealização e identificação dos «lacanianos» a Lacan é porque eles sabem que, no ato analítico, têm de se orientar sem mãe, nem pai, sem deus, nem mestre. Aqui não há bússola, nem GPS.

Quem leva o ensino de Lacan até às suas derradeiras consequências, que são topológicas, não fica amarrado a nenhum analista (o chamado «amor de transferência»), pois o decisivo é a orientação do nó próprio a cada sintoma. ⁷

⁶ LACAN, J. (2002). Préface à «l'Éveil du Printemps». In *Autres écrits*. Paris: Seuil, p.562.

A exigência do nó do sintoma parte sempre de um postulado: *il n'y a pas de rapport sexuel*. É dizer que o que reina no real sexual é a ausência de lei, de ordem natural ou cultural. Não existe proporção, nem complemento sexual. Assim como não há arte erótica ou ciência sexual que possa fazer com que o gozo de uma mulher e o gozo de um homem se conjuguem organicamente.

É também o real esburacado da sexualidade que Lacan define a dado momento pela modalidade lógica do «impossível». Daí que seja a contingência, e não a necessidade, que condicione a diversidade do que será o real para cada um.

O acontecimento Freud

Em que é que se baseava a velha ideia da ordem simbólica do real? Sem dúvida na homeostasia, mas mais ainda na crença de que as palavras corresponderam, correspondem ou corresponderão um dia às coisas.

É precisamente neste ponto que se dá o acontecimento Freud, o qual só pode ser verdadeiramente entendido como subversão da antiga ordem simbólica do real.

Mesmo que a maioria dos indivíduos não tenha consciência disso, o discurso das sociedades de hoje é o da *talking cure*.

Efetivamente é a Freud que se deve atribuir a grande responsabilidade pela liberdade de palavra que passou a caracterizar as democracias contemporâneas.

A ética da psicanálise começa, pois, por ser uma ética da palavra.

⁷ Por exemplo, nos seus últimos Seminários, Lacan explica que a orientação «levogira» (rotação para a esquerda ou no sentido contrário aos ponteiros do relógio) e «dextrogira» (para a direita ou no sentido dos ponteiros do relógio) na amarração do nó têm efeitos totalmente distintos. É também notável o facto que, em genética, os aminoácidos biologicamente ativos sejam sempre levogiros, os dextrogiros não tendo qualquer ação biológica.

Depois de se ter afastado do judaísmo familiar, do sonho político-diplomático da adolescência, da curiosidade pelas ciências ocultas, mas também do ideal médico e científico que dominava a faculdade em que fez os seus estudos superiores em Viena, Freud, devido a uma contingência, o encontro de Breuer com Anna O, chegou à conclusão que devia começar a praticar a «cura pela fala» (depois de 1895).

A «cura» e a «técnica» freudiana são, no início, uma ética da palavra. A regra fundamental consiste precisamente a oferecer a palavra a todos os que a desejem, para que possam disparatar, delirar à vontade.

Esta oferta começou por ser feita às mulheres, vistas até lá como não merecendo a palavra, por serem uma constante fonte de pecado, todas prostitutas, loucas, histéricas.

Freud oferece também a palavra aos homens que não a possuíam, caso dos doentes mentais. Pela primeira vez, deixa falar o homossexual e o perverso; o alucinado, o lunático e o fora-de-siso: alguns nomes dados aos sem juízo, psicóticos ou neuróticos.

Ele distribuiu igualmente a palavra pelo adulto, o adolescente e a criança da mais tenra idade. Ofereceu-a, ainda, aos indigentes, viciosos e criminosos; e aos religiosos, políticos, educadores, escritores, artistas e cientistas.

Mas apesar de toda a gente ter começado a falar livremente, Freud nunca afirmou que era possível dizer tudo. Logo em 1900, a propósito do sonho, previne que haverá sempre um ponto que ficará oculto, que liga ao «Desconhecido».

O impossível de dizer tudo não se deve a uma (auto) censura, mas a um facto de estrutura: as palavras falham, faltam sempre para expressar os sentimentos e comunicar as ideias, já que elas são uma espécie de lençol demasiado curto para cobrir a totalidade do real.

O problema acentuou-se hoje em dia, porque o valor de uso e de troca da palavra (falada e escrita) decaiu assustadoramente nos mercados.

Como a linguagem era o que metia a ordem simbólica no real, com a perda dos poderes da palavra, o aparelho da linguagem deixou de funcionar como dantes. Tudo que se diz agora parece ter perdido a solidez ou só emergir de forma líquida⁸.

Onde situar este real que escapa à ordem simbólica?

Depois de Copérnico e Darwin, tentou-se que ele se refugiasse no Eu consciente. A tomada de consciência individual e coletiva era, então, crucial. Mas, como disse Freud, a Psicanálise desferiu um derradeiro golpe mortal nesse reduto narcísico ou do amor-próprio.

O real não se aloja portanto mais no Eu; ele passou a transitar no que Freud chamou o «inconsciente», mas é sobretudo ao nível do objeto da pulsão que o sujeito esbarra mais violentamente com o real com que tem de se haver.

Foi a este outro (exterior e íntimo) do sujeito que Lacan chamou «objeto a». Apesar de constituir um obstáculo à dialética dos desejos, o «objeto a» guarda a sua característica de joia preciosa (*agalma*), pois constitui o caroço do gozo que o sujeito busca ao nível do fantasma do desejo, mas também o núcleo do sintoma que vem substituir a satisfação que não ocorreu.

Novas tecnologias e declínio da interpretação

Acreditou-se que a «cura pela fala» deu a palavra ao inconsciente para que este se torne num segredo de Polichinelo. Foi esta esperança que fez como que o método freudiano acabasse por triunfar nas sociedades contemporâneas. Depois da liberdade de palavra se

⁸ BAUMAN, Zygmunt. (2005), *Vidas desperdiçadas, la modernidad y sus parias*. Barcelona: Paidós.

ter tornado um direito fundamental do Homem e do Cidadão, de se ter inscrito nas Constituições dos Estados de Direito, o dizer tudo – associado agora ao ver tudo⁹ -, tornou-se omnipresente no *World Wide Web*.

A Tecnociência não transformou apenas o mundo, mas também o pensamento, o comportamento, a vontade e a afetividade dos indivíduos. Regra geral, nas famílias de hoje cada um goza sozinho com o seu computador, o seu telemóvel ou outro produto qualquer, como se ele fizesse parte da sua própria substância. As cirurgias plásticas e as próteses corporais «mexem» também agora diretamente com o corpo como imagem, símbolo e lugar do gozo.¹⁰ O estilo aditivo que surgiu desde então – o da chamada «Geração @» - afetou também profundamente a *praxis* da Psicanálise.

O sujeito experimenta hoje a maior das solidões. «Porquê?», pergunta Alexandre Stevens.¹¹ É que não podendo mais apoiar-se nos antigos ideais coletivos (família, religião, pátria...), ele deve construir, sem programa prévio, a sua própria maneira de viver. Além disto, é constantemente confrontado com o imperativo de gozo do mundo contemporâneo, que reenvia cada Um para a sua solidão. A escolha do parceiro procura responder a esta solidão, Mas o parceiro não passa de um sintoma, que apenas pode responder com grande pena a essa solidão. É, pois, preferível para alguns que o parceiro seja apenas um objeto, uma mercadoria. Em consequência disto tudo o sujeito sente-se cada vez mais isolado, um pouco autista.

A tradição freudiana concebia o inconsciente freudiano como um texto cifrado que se podia decifrar. Como os hieróglifos egípcios, bastava encontrar um Champolion. Dado que a autoanálise é impossível, cabia ao analista ocupar a posição de transcritor do texto secreto, pontuando ou interpretando, ao pé da letra, a fala do analisando.

⁹ Cf. WAJCMAN, G. (2010), *L'Oeil absolu*, Paris. Éditions Denoël.

¹⁰ Cf. LE BRETON. D. (1999). *Adios al Corpo y Antropologia del cuerpo y la modernidade*. Buenos Aires. Ediciones Nueva Vision.

¹¹ No anúncio da sua conferência no Pont Freudien de Monte Real, Canadá (Outubro 2012).

Mas sempre houve uma mancha negra nesta conceção da psicanálise, algo que não estava já escrito ou que não se conseguia ler. É esta coisa ausente que o silêncio do analista torna presente.

O silêncio do analista remete para o silêncio do sintoma do analisando, não como sinal da sua doença, mas como satisfação que se busca pela calada. É precisamente nesta outra satisfação que reside o real do sintoma, o real que mais resiste à análise.

Enquanto silêncio de uma fala, - e não como silêncio das esferas, dos astros e dos órgãos -, o silêncio ganha uma significação fálica, indica o que falha ou falta.

É por este motivo que o jocoso calculado das anedotas mais ou menos idiotas sobre a psicanálise tenta apagar este silêncio com o riso. Assim, o mais interessante deste tipo de piadas é de fazer surgir a questão do que quer o psicanalista?

Podia-se pensar que o analista não quer mais nada senão que o sujeito fale livremente até encontrar o que determina a sua patologia. Esta conceção da análise, que podemos chamar «clássica», repousa ainda na crença da existência de uma ordem simbólica do real, bem como da existência de uma harmonia ou paz final, que se obteria depois do levantar do recalçamento.

Mas toda a gente se apercebeu que a libertação da fala conduz sobretudo ao confronto do sujeito com o que não muda, com o seu objeto pulsional; ela conduz também à constatação que não há ordem física ou moral que consiga travar ou limitar o choque do sujeito com a pulsão.

Gozo vergonhoso, culpado e autoerótico: a felicidade de cada Um

Freud apercebeu-se deste conflito, mas também que o real sexual se traduzia muitas vezes em sentimento de culpa, outras vezes, em vergonha. Culpa e vergonha de quê? De gozar.

No seu retorno a Freud, Lacan explicou que o gozo (*jouissance*) é aquilo que se encontra «para além do princípio do prazer». Como tal, ele provoca angústia, a inibição, o sintoma; e é vivido na dor, de maneira solitária ou que não se partilha. Freud falou de «masoquismo» e «autoerotismo» primários.

É o gozo que lança a suspeita sobre o altruísmo que se apresenta nos enunciados e na ação do político, do educador, do médico, do prosélita ou, mais simplesmente, da gente comum. Se há efetivamente um gozo autoerótico, narcísico, egoísta, então, para alguém ou além do amor, da amizade e de outros nobres sentimentos e virtudes, existe também o ciúme, a inveja e o ódio. Coletivamente depara-se com a violência, o crime, a guerra, o genocídio, a corrupção, etc. Mais do que as razões (religiosas, políticas, económicas, etc.) que levam à malvadez própria e alheia, foi a repetição do Mal que forçou Freud a colocar, ao lado da pulsão de vida, a pulsão de morte.

Fazendo então de advogado do diabo, Freud levantou a questão de saber se não há qualquer coisa que coxeia irremediavelmente nas andanças da Humanidade, se não existe algo de irremediavelmente estragado na natureza humana, logo se o mal-estar na civilização não é permanente?

Para o verificar, é importante que cada um procure, na sua própria análise, se encontra em si esse gozo Outro, que está para além do princípio do prazer que parece governar a sua vida e a dos outros.

A experiência analítica acabou por convencer Freud que, no horizonte da evolução da espécie humana, não havia propriamente nada de novo, a não ser as novas identificações e ideais que a política vai propondo, e os novos objetos que a ciência e o capitalismo produzem. Esta constatação conduziu-o a um certo realismo, com tem ar de pessimismo, pois ele nunca acreditou que as pessoas quisessem verdadeiramente o bem e o belo.

Mesmo se pensou – erradamente - que a ilusão religiosa não teria futuro depois do ateísmo psicanalítico, Freud sabia que o sonho, a fantasia e o delírio humanos eram muito fortes, porque prometem recompensas e receitas para a Felicidade.

Antes de Freud, a Felicidade era o Bem que todos queriam alcançar. Para alcançara esta paz, era preciso trabalhar, sofrer muito. Mas, hoje, a pequena felicidade (seus momentos fugazes) está ao alcance de mão, e não se perdoa a mais ninguém ser infeliz. O novo imperativo moral é: sê feliz! Este faz com que não se tenha o direito de estar triste. A única coisa importante, como dizia um psicólogo recentemente, são as «emoções positivas».

A preferência dos humanos pela ilusão (religiosa, política, científica, etc.) faz com que não baste ao analisando procurar a (sua) verdade, que seja ainda necessário ousar realizar o seu desejo, brilhar, para não passar a vida a fantasiar e a queixar-se.

A Psicanálise de orientação lacaniana continua a não fazer promessas de amor, de compreensão e de cura. Ela não realiza milagres. Nem sequer pode ajudar um sujeito que já é feliz, como o feticlista, na medida em que conhece bem onde e como encontrar o seu gozo.

Então o que pode ser a psicanálise do nosso tempo?

Jacques-Alain Miller formalizou do seguinte modo o matema da contemporaneidade¹²:

$$a > I$$

Isto significa que o objeto (a) tem atualmente mais valor do que o Ideal. Neste quadro, podemos dizer que a psicanálise de hoje apenas poderá acompanhar os que se aventuram para aquém do Ideal (e das ideologias) a acertar as contas com o seu desejo,

¹² MILLER, J-A; LAURENT, E. (1977). *L'Autre que n'existe pas et ses comité d'étiqne*. Paris: Revue de la Cause freudienne, n° 35.

estruturalmente castrado, causado por um objeto perdido, já que não existe outra maneira de conseguir transformar a relação – normalmente patológica - do sujeito com o gozo do seu sintoma.

No século XXI, e em razão do que foi dito atrás, a ética da orientação lacaniana passa forçosamente pela desorganização das defesas contra o real com que cada um se depara, um real insensato, sem piedade, ordem e progresso.¹³

¹³ Insensato e sem piedade como o real que descreve Sófocles no final de *Édipo em Colono*; e sem ordem e progresso, contrariamente ao defendido pelo chefe da escola positivista, Auguste Comte, quando escreve que «o progresso é o desenvolvimento da ordem». Lembro que «Ordem e Progresso» é o *slogan* da bandeira de uma das economias agora ditas «emergentes», a do Brasil.